



## 25/03/2019 10:14 - Análise: perdido na política, Bolsonaro afeta a economia do Brasil



Quem conheceu o presidente Jair Bolsonaro (PSL) na Câmara nunca apostou em sua capacidade de construir acordos políticos. Nos sete mandatos parlamentares em Brasília, o capitão notabilizou-se pelo comportamento individualista, arredo e agressivo com alguns adversários.

Como parlamentar, ele não participou da vida partidária, não relatou projetos importantes nem liderou bancadas. Com perfil desagregador, Bolsonaro jamais passou imagem de estabilidade – nem na política nem na economia.

Se alguém viu nele um líder capaz de pacificar o país e formar consensos, votou na pessoa errada. Esse eleitor estava mal informado, foi enganado ou decidiu apostar em um futuro incerto. O mesmo vale para o mercado.

No poder, em tese, havia a possibilidade de Bolsonaro mudar de conduta e agir como um governante com visão de conjunto e espírito conciliador. Em menos de três meses, porém, os efeitos do seu estilo provocaram danos significativos para a governabilidade, com desdobramentos temerários para a economia do país.

Os primeiros sinais contundentes da fragilidade da situação do Brasil apareceram nos últimos dias. Depois de sucessivos recordes, com fechamentos acima de 100 mil pontos, o índice Bovespa entrou em queda e terminou a semana com perdas de 5,45%.

O real refletiu as dúvidas do mercado em relação ao futuro da economia brasileira e o dólar voltou ao patamar dos R\$3,90. Os contratos de juros futuros, outro indicador relevante para aferição da saúde financeira do país, tiveram altas significativas.

Os números revelam que a economia brasileira, em alguns aspectos, voltou ao patamar anterior à transição de governo, quando o otimismo com a eleição de Bolsonaro melhorou os indicadores. A atuação do chefe do Executivo nacional, da família e da equipe mudaram a percepção da população, hoje mais pessimista. As últimas pesquisas de opinião identificaram queda acentuada na popularidade do presidente.

### Previdência dos militares

Um fator que influenciou o mercado agora foi a reação negativa do Congresso à proposta de mudanças na Previdência dos militares elaborada pela equipe econômica. Combinada com uma recomposição dos salários, a iniciativa desagradou até mesmo segmentos governistas do Legislativo.

Mesmo depois desses resultados negativos, sem levar em conta a sensibilidade das relações com o Parlamento, o capitão e alguns integrantes de seu grupo enveredaram para um debate público com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). O ministro da Justiça, Sergio Moro, também fez cobranças ao deputado fluminense e, como resposta, teve o pacote anticrimes excluído da pauta prioritária.

Esse embate com Maia, um declarado defensor da reforma da Previdência, indica a falta de noção de Bolsonaro e sua turma com a importância de se cultivar boas relações com a cúpula do Congresso. Tratar o presidente da Câmara como um adversário denota desprezo pelo diálogo até mesmo com autoridades dispostas a colaborar com a governabilidade.

Pelos movimentos e pelas palavras dos atuais ocupantes da Esplanada – e de seus seguidores – nota-se certa arrogância, combinada com algum deslumbramento em relação ao poder. Essa é uma afetação comum a muitos novos governantes em Brasília. De modo geral, leva a um alheamento da realidade que só acaba quando perdem os cargos.

### Soluções mágicas

Tentar impor soluções mágicas, sem as devidas negociações com os parlamentares, é um caminho bem pavimentado para o fracasso da política econômica e do governo. Logo, esse tipo de atitude apresenta-se como um atalho para crises graves.

O discurso da “nova política”, usado na campanha, mostrou-se vazio de conteúdo e sem diretrizes para orientar a atuação das bancadas governistas no Congresso. Fiel ao estilo brigador, o presidente parece apostar no confronto para fazer valer ideias e projetos.

Nessa prática, conta com a companhia dos filhos, o senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e o vereador Carlos Bolsonaro (PDC-RJ). Os três descendentes potencializam o tom afrontoso do pai, sobretudo no Twitter.

### **Tudo para dar errado**

Do ponto de vista de quem tem interesse em aprovar propostas no Congresso, essa estratégia tem tudo para dar errado. Bolsonaro e equipe ainda não demonstraram como pretendem convencer deputados e senadores a aprovar medidas que, por diferentes razões, prejudicam vastos setores da população – desde abastados funcionários públicos até idosos moradores das áreas rurais.

De volta das viagens feitas aos Estados Unidos e ao Chile, o presidente tem agora a oportunidade de assumir o comando da política e tentar atrair o Congresso para suas propostas. Se não conseguir aprovar a reforma da Previdência, Bolsonaro disse, o Brasil quebra.

Pela posição que ocupa, o capitão é a única pessoa capaz de evitar esse desastre para o país. Mas, para isso, primeiro é preciso que ele demonstre vontade de governar junto com o Parlamento, como exige a democracia.

**Fonte:** Eumano Silva - Metrôpoles

Notícias RO